

# “SEM TEKOA NÃO HÁ TEKO – SEM TERRA NÃO HÁ CULTURA”: ESTUDO E DESENVOLVIMENTO AUTO-SUSTENTÁVEL DE COMUNIDADES INDÍGENAS GUARANI

ALDO LITAIFF<sup>1</sup>  
UFSC/UNISUL

---

**RESUMO:** *A finalidade deste artigo é relatar os resultados do projeto “Sem tekoa não há teko, sem terra não há cultura: estudo e desenvolvimento auto-sustentável de comunidades indígenas guarani”. Executado conjuntamente pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e Unisul (Universidade do Sul de Santa Catarina), entre março de 2002 e dezembro de 2007, o projeto visava como objetivo geral, incentivar formas econômicas apropriadas ao etnodesenvolvimento e à auto-sustentabilidade de terras indígenas guarani localizadas no litoral do Estado de Santa Catarina, medida compatível com “teko”, ou seja, modo de ser ou cultura guarani.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Índios Guarani; etnodesenvolvimento; auto-sustentabilidade; terra.*

**ABSTRACT:** *This article reports the results of the “Sem tekoa não há teko, sem terra não há cultura: estudo e desenvolvimento auto-sustentável de comunidades indígenas guarani” project. It was carried out by UNISUL (University of the South of Santa Catarina) and by UFSC (Federal University of Santa Catarina) from March, 2002 through December, 2007, and aimed at promoting economic modes appropriate for the ethnodevelopment and auto sustainability of the guarani land at the coast of the state of Santa Catarina, a measure compatible with teko, that is, the way of being, the guarani culture.*

**KEYWORDS:** *Guarani Indians; ethnodevelopment; auto sustainability; land.*

---

Entre os povos da América que entraram em contato com os Europeus desde os primórdios da colonização, os *Guarani* constituem um exemplo dos que conseguiram sobreviver até os dias de hoje, preservando importantes aspectos de sua cultura e organização social. Contudo, estes índios, que tiveram populações inteiras dizimadas, continuam a sofrer um violento processo de etnocídio. Mesmo assim, os *Guarani* formam uma das sociedades indígenas brasileiras mais

---

<sup>1</sup> Ph.D. em Antropologia (*Université de Montréal*, Canadá, 2000), com Pós-doutorado na mesma área (*EHESS/França*, 2005), pesquisador do Laboratório de Etnologia Indígena do Museu da UFSC, professor colaborador no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da mesma instituição, professor titular do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Unisul. E-mail: [litaiff@cfh.ufsc.br](mailto:litaiff@cfh.ufsc.br).

numerosas. Atualmente, existem quatro grupos *guarani* localizados na América do Sul: *Chiriguanos* na Bolívia (60.000), *Kayowa* (40.000), *Chiripa* ou *Nhandeva* (30.000) e *Mbya* (30.000)<sup>2</sup>, no Paraguai, Argentina, Uruguai e no Brasil, distribuídos no centro-oeste, sul e sudeste. No litoral sul e sudeste brasileiro, encontra-se uma grande concentração de *Mbya* e de *Chiripa*<sup>3</sup> habitando o território onde viveram os *Carijó-Guarani*, seus ancestrais, até seu desaparecimento no século XVII. Estes lugares são importantes pontos de referência histórica e mitológica, uma vez que eles ainda conservam seus “nomes *guarani*”, topônimos que se referem à cosmologia e à descrição geográfica destes locais. Estes índios continuam então fiéis ao seu território de origem, procurando se estabelecer nos mesmos *amba*, lugares ou espaços, segundo eles, criados e destinados por “*Nhanderu Tenondegua*”, o Deus supremo, para serem ocupados pelos *Guarani*. Ressaltamos que estes *amba* estão localizados nos mesmos limites geográficos observados pelos cronistas durante a conquista (LITAIFF, 1999, p. 58).

Os *Guarani* atuais chegaram ao litoral do Brasil no início do século XX, provenientes do interior da América do Sul (Paraguai, Argentina e do estado brasileiro do Mato Grosso do Sul), forçados pela invasão de suas terras por colonizadores, por conflitos com outros autóctones, e, principalmente, em busca de *Yvy mara ey*, a “Terra sem Mal”, um paraíso mítico localizado além do oceano. Tanto no litoral como no interior dos estados do sul e do sudeste do Brasil, os *Mbya* e os *Chiripa* têm sido vizinhos, por vezes coabitando uma mesma área, em razão de suas semelhanças culturais<sup>4</sup>. Outrora habitando exclusivamente as florestas do sul da América do Sul, atualmente os *Guarani* circulam em rodovias, visitando parentes, procurando terras, vendendo o artesanato que produzem e/ou buscando trabalho sazonal. A saúde, sobretudo a grave desnutrição que afeta a população infantil, e a falta de terras constituem seus maiores problemas (LITAIFF, 1996). Agricultor e coletor, o *Guarani*,

---

<sup>2</sup> No Brasil existem 400.000 índios divididos em 216 povos. O número de *Guarani* em toda a América do Sul é de aproximadamente 65.000 indivíduos, sendo que 36.000 vivem no Brasil. Entretanto, é importante sublinhar que devido aos constantes deslocamentos de populações, é difícil precisar o número de *Mbya*.

<sup>3</sup> Os *Chiripa* são o resultado da unificação de três diferentes grupos Guarani: os *Apapocuva*, os *Oguaiuva* e os *Taningua* (NIMUENDAJÚ, 1987).

<sup>4</sup> Em consequência dos deslocamentos de populações, até a década de 1980, os *Mbya* não possuíam nenhuma terra no Brasil.

e em particular o *Mbya*, é um desterrado, um estrangeiro em seu próprio território.

Um dos principais fatores de reforço aos estereótipos oriundos do etnocentrismo dos Ocidentais é a má-fé e/ou o desconhecimento da história e das características das populações autóctones atuais. O *Guarani* é considerado “o índio clássico”, símbolo nacional, imagem do indígena brasileiro, tema de óperas e de poesias. Paradoxalmente, este, assim como outros índios, é visto pelo Branco como “vagabundo, preguiçoso, bêbado, feio, sujo e ladrão”, à margem da população brasileira. Para alguns, estes índios “não são nem mesmo brasileiros” (LITAIFF, 1996), não tendo, portanto, nenhum direito a qualquer reivindicação. Outros grupos que formam a etnia *Guarani*, assim como outros índios que entraram em contato com os *Mbya*, consideram estes últimos “seres inferiores atrasados no tempo... falando uma língua estranha e vivendo como animais”, os últimos na hierarquia da sociedade nacional. Isto se deve, principalmente, ao fato dos *Mbya* se recusarem a serem “civilizados”, preferindo habitar no interior das florestas, distante de outros índios e dos Brancos. Por outro lado, contrariamente aos índios da região do Xingu, o *Guarani* carrega consigo a imagem do índio integrado, falando português, usando vestimentas e objetos ocidentais (relógios, telefones celulares etc.). Isto se deve ao fato de que para sobreviver, a partir da estratégia que visa o controle de suas fronteiras étnicas, o *Mbya* se viu obrigado a incorporar itens da sociedade envolvente, se adaptando em parte, mas preservando aspectos importantes de sua religião, organização social, língua e mitologia, sendo estas suas características mais importantes.

O antropólogo Egon Schaden (1974) declara que, apesar das pesquisas existentes, em função da fragmentação do território *guarani* e da conseqüente distância entre as comunidades, é fundamental fomentar estudos de campo que abordem contextos específicos, pois “é necessário destruir a imagem de que a sociedade *guarani* já é bastante conhecida e insistir sobre a urgência de se retomar os estudos desta cultura com referência às suas variantes regionais” (SCHADEN, 1974, p. 83).

Pretendemos com este artigo relatar a importância e os resultados do projeto “Sem *tekoa* não há *teko*, sem terra não há cultura: estudo e

desenvolvimento auto-sustentável de comunidades indígenas *guarani*". Executado conjuntamente pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e Unisul (Universidade do Sul de Santa Catarina), entre março de 2002 e dezembro de 2007, o projeto visava como objetivo geral incentivar formas econômicas apropriadas ao etnodesenvolvimento e à auto-sustentabilidade de terras indígenas *guarani* localizadas no litoral do Estado de Santa Catarina, medida compatível com "*teko*", ou seja, modo de ser ou cultura *guarani*. Buscou-se contribuir no processo de regeneração da mata e do solo (para fomento da agricultura familiar, coletiva e manejo florestal, características destes índios), de 3 das 18 áreas *guarani* do litoral catarinense, a maioria recentemente ocupada por estes índios, que, nesta região, contam cerca de 850 indivíduos. Localizada no município de Imaruí, a 80 km da capital do estado, a Terra Indígena *Tekoa Marãgatu* tem 80 ha, onde habitam 40 famílias (de 5 a 10 indivíduos cada uma, cerca de 280 indivíduos). Próximas 3 km uma da outra, as áreas de Morro dos Cavalos e Massiambu, estão localizadas a 30 km de Florianópolis, possuindo respectivamente 1.988 ha e 5,5 ha. A maioria da população das três comunidades é formada por crianças, que, em função da baixa produtividade da terra, da devastação das florestas causada pelos Brancos que ocupavam anteriormente a área e da falta de oportunidades de subsistência, apresentam alto índice de subnutrição e doenças causadas pela falta de alimentos e água potável.

Conscientes da grave situação em que se encontravam os *Guarani*, e considerando que as poucas terras em que viviam não apresentavam as condições básicas previstas na Constituição Federal Brasileira de 1988, partimos do pressuposto que este projeto devia respeitar as condições mínimas para a manutenção do modo de ser *guarani*. Sabemos que a sobrevivência de uma população só é possível quando as terras a ela destinadas permitam perpetuar seus costumes. Todavia, o maior problema para os *Guarani* era a improdutividade das poucas terras em que se encontravam. Nossa intenção era então a de modificar tal situação, através da implementação do desenvolvimento sustentável de antigas e novas áreas recentemente adquiridas, de acordo com as necessidades de subsistência e a situação demográfica destes indígenas.

Com o intuito de eleger prioridades para a elaboração do projeto, tomamos como principal critério consultar não só as lideranças como também outros integrantes das comunidades indígenas em questão. Consciente das dificuldades e do estreito relacionamento entre as aldeias, mesmo com a distância espacial, procuramos avaliar as semelhanças e diferenças entre elas. Esta nos pareceu ser a melhor forma para se alcançar alguns pontos consensuais que nos permitiram eleger as prioridades. Portanto, a presença das lideranças, como o Cacique Augusto da Silva *Karai Tataendy* e outros representantes durante o processo de eleição destas prioridades, foi fundamental na confecção dos objetivos do projeto, que, desta forma, foi definido e executado em conjunto com os *Guarani*.

Tomando o caminho inverso das soluções assistencialistas, que geram maior dependência com relação à sociedade nacional envolvente, executamos algumas medidas simples, visando o controle dos meios que conduzem a uma maior autonomia e auto-subsistência, tendo como conseqüência a sobrevivência dos indivíduos, de sua sociedade e cultura. Visando a realização desta meta, foram alcançados os seguintes objetivos, previstos inicialmente no projeto: 1. análise e correção do solo para melhor produtividade, respeitando, porém, os princípios da cultura *guarani*, que prevê a utilização preferencial da agricultura orgânica; 2. plantio de milhares de mudas de árvores frutíferas (laranja-lima, goiaba, banana etc.); 3. aquisição de pequenos animais, como galinhas, patos e marrecos, principais fontes de proteína; 4. construção de açudes para criação de peixes (principalmente carpa e tilápia, de fácil manejo); 5. reflorestamento da mata no interior das áreas através do cultivo de milhares de mudas de árvores típicas da região, principalmente: palmeira, canela, cedro, pela sua importância cosmológica<sup>5</sup>, quase totalmente desaparecidas nestes locais. Observou-se que estas árvores são de grande importância religiosa para os *Mbya*, que, quando manejam as florestas, não visam somente a utilização de seus recursos, mas sua recuperação e a eliminação de espécies exóticas invasoras (como pinos e eucalipto); 6. a partir da concepção do manejo

---

<sup>5</sup> Segundo a mitologia *guarani*, quatro palmeiras (ou *pindo*) marcam os limites do território *guarani*; da canela são feitos os *popygua*, varas usadas em rituais religiosos; o cedro (ou *yuirá nhamandu*) representa *Kuaray*, o deus solar, marcando o local onde os espíritos das crianças “descem” para encarnarem durante o *nhemongara’i*, ritual de batismo (LITAIFF, 1999).

agro-florestal (SAF – Sistema Agro-Florestal) *guarani*, identificação não só das espécies coletadas, como também do local e da técnica utilizada (que posteriormente teve classificação biológica, traçando paralelos com a taxionomia *guarani*); 7. incentivo à prática da roça tradicional (coivara), que constitui a base alimentar *guarani*, rica em amido (milho, mandioca, batata-doce, amendoim, feijão etc.); 8. geração de conhecimento teórico-prático que hoje orienta projetos nas áreas de Etnologia Indígena, Mitologia, Ecologia e Saúde<sup>6</sup>.

Salientamos que os fatos observados em campo foram acompanhados por registro audiovisual, que permitiu uma melhor contextualização do universo sócio-cultural em questão. Assim, o material foi gravado e fotografado, conforme as demandas de campo. Atualmente, o produto deste trabalho é utilizado em cursos e palestras sobre a realidade *guarani*, especificamente sobre o manejo dos recursos naturais, dirigidos não só à UFSC e à Unisul, como a outras instituições de ensino (fundações, escolas etc.). Sublinhamos que através do processo de “monitoramento acadêmico” (atividade que compreende a observação participante e coleta de dados em campo, executada pelos próprios índios, coordenador e alunos do curso de graduação em Ciências Sociais, História, Comunicação Social, Agronomia, Geografia, Biologia, mestrado em Antropologia, Agronomia e Ciências da Linguagem, doutorado em Antropologia), asseguramos o amplo acesso a este conhecimento pelos diferentes setores das instituições proponentes, assim como seu efeito multiplicador.

Para a execução dos objetivos do projeto, os alunos tiveram orientação teórica e, posteriormente, participaram das seguintes atividades: I. coleta de amostra, análise e correção do solo; II. avaliação da área para introdução das árvores frutíferas, em qualidade, quantidade, distribuição e local apropriados (de acordo com especialistas acadêmicos – Agrônomos, Biólogos e os próprios índios); III. plantio de árvores nativas da região, com o acompanhamento constante dos *Guarani* (tendo como consequência uma perda mínima – menos de 12%); IV. reuniões entre alunos, coordenador e os membros

---

<sup>6</sup> Observamos que neste ano de 2008 o projeto está sendo aplicado em outras quatro comunidades *guarani* localizadas no litoral norte do Estado de Santa Catarina.

da comunidade, visando o “monitoramento acadêmico” e a constante avaliação da execução do projeto<sup>7</sup>.

Através deste projeto, acreditamos ter conseguido minimizar alguns efeitos nefastos, frutos do contato dos *Guarani* com a sociedade ocidental. Como conseqüência dos objetivos citados acima, atingimos de forma direta e indireta as seguintes metas<sup>8</sup>: diminuição de doenças gastrintestinais e respiratórias; conseqüente queda da mortalidade infantil; importante redução do alcoolismo e de DST/AIDS (com a auto-sustentabilidade, estes índios não mais necessitam se ausentar de suas comunidades com tanta freqüência, em busca de emprego sazonal, venda de artesanato etc., quando intensificavam o contato com a população envolvente) e diminuição do número de conflitos internos, frutos de problemas relacionados à subsistência. Acreditamos ser esta a forma correta de contribuir para a preservação da cultura e identidade *guarani*, de acordo com os dispositivos estabelecidos pelo artigo 231 da Constituição de 1988. Entendemos que este projeto contribuirá na promoção de medidas preventivas ligadas às condições gerais de saúde em seu sentido mais amplo, apoiadas necessariamente em ações intersetoriais, que contemplem a produção de alimentação básica e, principalmente, a posse de “*tekoa*”, ou seja, terras adequadas, com solo fértil, água limpa e florestas preservadas. Estamos seguros de que com estas medidas conseguimos atender a uma reivindicação legítima dos *Guarani* – condições básicas de subsistência. Certamente, diante dos resultados deste projeto, encontramos-nos cada vez mais próximos da solução dos problemas das populações indígenas do Estado de Santa Catarina, sendo este seu maior mérito.

---

### Referências bibliográficas

BEGOSSI, Alpina. Ecologia Humana: um enfoque das relações homem-ambiente. **Interciência**, Venezuela, v. 18, n. 3, p. 121-132, mai./jun. 1993.

<sup>7</sup> Sublinhamos que partimos de experiências anteriores, igualmente bem sucedidas, aplicadas em outras comunidades *guarani*, como foi o caso da Terra Indígena de Bracuí, localizada no litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, entre 1988 e 1991.

<sup>8</sup> Conforme relatório de conclusão do edital PROEXTENSÃO - fomento à pesquisa e extensão, encaminhado à Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão da UFSC e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Unisul.

CADOGAN, León. Síntesis de La Medicina Racional y Mística *Mbya-Guarani*. **América Indígena**, México, v. IX, n. 01, p. 21-35, 1949.

\_\_\_\_\_. En Torno a La Aculturación de los *Mbya-Guarani* del Guairá. **América Indígena**, México, v. XX, n. 2, p. 133-150, 1960.

\_\_\_\_\_. La Lengua *Mbya-Guarani*. **Boletín de Filología**. Montevideo, n. 5, 1962-1963. p. 649-670.

CLASTRES, Hélène. **A Terra Sem Mal, o profetismo tupi-Guarani**. São Paulo: Brasiliense, 1978.

CLASTRES, Pierre. **A Fala Sagrada: mitos e cantos sagrados dos índios Guarani**. São Paulo: Papyrus Editora, 1990.

DARELLA, Maria Dorothea P. “**Ore Rpipota Yvy Porã – Nós queremos terra boa**”: Territorialização *Guarani* no litoral de Santa Catarina – Brasil. 2004. 405 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – PUC-SP, [2004].

LADEIRA, Maria Inês Martins. **O Caminhar Sob a Luz: o território Mbya e a beira do oceano**. 1992. 199 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – PUC, [1992].

LITAIFF, Aldo. **As Divinas Palavras: identidade étnica dos *Guarani-mbya***. Florianópolis: Editora da UFSC, 1996.

\_\_\_\_\_. Les Fils du Soleil: mythe et pratique des Indiens *Mbya-Guarani* du littoral du Brésil. 1999. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Montreal/ Canadá, [1999].

MELIÁ, Bartomeu. **O Guarani: uma bibliografia etnológica**. Santo Ângelo: FUNDAMES/FISA, 1987.

MÉTRAUX, Alfred. **A Religião Tupinambá**. São Paulo: Ed. Nacional/ USP/ Brasileira, 1979.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. **Tesoro de la Lengva gvarani**. Leipzig, B.G. Teubner, Julio Platzmann, 1639/1876.

\_\_\_\_\_. **Conquista Espiritual**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1985.

NOELLI, Francisco Silva. **Sem tekoha não há tekó: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do Jacuí-RS** 1993. 488 f. Dissertação ( Mestrado em História) – PUC-RS, [1993].

NIMUENDAJÚ, Curt Unkel. **As Lendas da Criação e Destruição do Mundo, como Fundamentos da Religião dos Apapocúva-Guarani.** São Paulo: Editora HUCITEC/USP, 1987.

RAMOS, Alcida Rita et al. **Hierarquia e Simbiose, relações intertribais no Brasil.** São Paulo: Editora HUCITEC/USP, 1980.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Índios e Brancos no Sul do Brasil.** Porto Alegre: Editora Movimento, 1987.

SCHADEN, Egon. Características específicas da cultura Mbuá-Guarani. **Revista de Antropologia**, São Paulo, n. XI, 1963.

\_\_\_\_\_. **Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani.** São Paulo: EDU/EDUSP, 1974.

---